

CONHECIMENTO DOS ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM ACERCA DA MORTE ENCEFÁLICA

Marilaine M. de Menezes Ferreira Enfermeira, Mestre em Família na Sociedade Contemporânea. Professora Assistente do curso de Enfermagem da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública.

Neuza Dylene Tenório Nunes Graduanda do curso de enfermagem da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública.

Raissa de Moura Reis Graduanda do curso de enfermagem da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública.

Resumo

O objetivo desse estudo foi verificar o conhecimento dos acadêmicos de enfermagem, de uma instituição privada de Salvador, sobre Morte Encefálica, identificando a contribuição da Matriz curricular para esse conhecimento, buscando relacioná-lo com os semestres selecionados. Trata-se de um estudo de campo, do tipo exploratório, de natureza quantitativa. A amostra do estudo foi composta por graduandos do curso de enfermagem, regularmente matriculados nos 3º, 5º e 8º semestres. A coleta de dados foi realizada no período de 12 de abril a 03 de maio de 2013, por meio da aplicação de questionário com oito questões, sendo quatro discursivas e quatro objetivas. Foram avaliados 61 acadêmicos. Apenas 9,8% souberam conceituar Morte Encefálica. 29,5% dos acadêmicos citaram um dos componentes da Matriz curricular como fonte de conhecimento sobre o tema discutido. No entanto, foi verificado que não há qualquer componente curricular que aborde o assunto. 29,5% demonstraram conhecer as principais causas da Morte Encefálica. Quanto ao diagnóstico, 77,0% desconhecem por quem deve ser feito e 78,7% não sabem como é feito. 75,4% demonstraram saber em qual unidade hospitalar o paciente deve estar internado. Das atribuições do enfermeiro necessárias para a manutenção do paciente, apenas 19,7% demonstraram conhecer. Foi identificado pouco acesso às informações relacionados com a temática em eventos científicos e atividades extracurriculares. Conclui-se que os acadêmicos de enfermagem possuem um baixo nível de conhecimento sobre o tema, o que se deve, em parte, ao pouco ou nenhum acesso que os mesmos têm com esse tema durante a graduação.

Palavras-chave: Morte encefálica; Conhecimento; Enfermagem.

KNOWLEDGE OF NURSING STUDENTS ABOUT THE BRAIN

Abstract

The aim of this study was to evaluate the knowledge of nursing students from a private institution of Salvador, on Brain Death, identifying the contribution of the Matrix curriculum for this knowledge, seeking to relate it with the selected semesters. This is a field study, exploratory, quantitative. The study sample consisted of undergraduate students of nursing, enrolled in the 3rd, 5th and 8th semesters. Data collection was conducted from April 12 to May 3, 2013, by means of a questionnaire with eight questions, four discursive and four objectives. We evaluated 61 academics. Only 9.8% knew the concept Brain Death. 29.5% of the students cited a component of the matrix material as a source of knowledge on the topic discussed. However, it was found that there is no curriculum component to address the issue. 29.5% knew about the main causes of Brain Death. Regarding diagnosis, 77.0% do should be done by whom and 78.7% do not know how it's done. 75.4% demonstrated know which hospital the patient should be hospitalized. The duties of nurses needed for the maintenance of the patient, only 19.7% knew about. Was identified poor access to information related to the subject in scientific events and extracurricular activities. It is concluded that nursing students have a low level of knowledge on the subject, which is due in part to limited or no access to the records with that theme during graduation.

Keywords: Brain Death; Knowledge; Nursing.

CONOCIMIENTO DE ESTUDIANTES DE ENFERMERÍA SOBRE LA MUERTE CEREBRAL

Resumen

El objetivo de este estudio fue evaluar el conocimiento de los estudiantes de enfermería de una institución privada de Salvador, en la muerte cerebral, la identificación de la contribución del programa Matrix de este conocimiento, tratando de relacionarlo con los semestres seleccionados. Se trata de un estudio de campo, de carácter exploratorio, cuantitativo. La muestra del estudio consistió en estudiantes de pregrado de enfermería, matriculados en los semestres tercero, quinto y octavo. La recolección de datos se llevó a cabo a partir de abril 12-mayo 3, 2013, por medio de un cuestionario con ocho preguntas, cuatro objetivos discursivos y cuatro. Evaluamos 61 universitarios. Sólo 9.8% conocía el concepto de muerte cerebral. 29,5% de los alumnos citó un componente del material de la matriz como una fuente de conocimiento sobre el tema tratado. Sin embargo, se encontró que no hay ningún componente plan de estudios para abordar la cuestión. 29.5% sabía de las principales causas de muerte cerebral. En cuanto al diagnóstico, 77,0% no se debe hacer, por quién y 78,7% no sabe cómo se hace. 75.4% demostró saber qué hospital debe ser hospitalizado el paciente. Los deberes de enfermeras que se necesitan para el mantenimiento del paciente, sólo el 19,7% conocían. Se identificó la falta de acceso a la información relacionada con el tema en eventos científicos y actividades extracurriculares. Se concluye que los estudiantes de enfermería tienen un bajo nivel de conocimiento sobre el tema, lo cual se debe en parte al limitado o ningún acceso a los registros con ese tema durante la graduación.

Palabras clave: Muerte cerebral; Conocimiento; Enfermeira.

INTRODUÇÃO

De forma rápida e constante a medicina vem avançando técnica e cientificamente. Com esses avanços surgem novos estudos e descobertas que determinam novos conceitos, técnicas e diagnósticos. Esses avanços vêm para contribuir com a atuação dos profissionais da área de saúde, tornando possível o prolongamento da vida ou até mesmo permitir novos conceitos e diagnósticos para determinadas situações como, por exemplo, a Morte Encefálica (ME).

Atualmente, “o Conselho Federal de Medicina, na resolução CFM nº 1.346/91 define Morte Encefálica como parada total e irreversível das funções encefálicas, de causa conhecida e constatada de modo indiscutível”.⁽¹⁾

Discutir sobre a Morte Encefálica tem sido algo conflituoso que envolve, inclusive, questões bioéticas, principalmente, por parte dos profissionais de saúde. Por se tratar de um assunto delicado, capaz de gerar grandes repercussões, os profissionais de saúde – em especial, os enfermeiros –, devem estar preparados para receber e cuidar de pacientes e suas famílias, necessitando compreender e conhecer sobre a Morte Encefálica. Desta forma, os enfermeiros podem assisti-los em suas necessidades durante todo o processo que vai desde o diagnóstico até o óbito e o desligamento dos aparelhos com a possível retirada dos órgãos e tecidos para doação.

Muito se fala sobre a assistência prestada ao paciente a fim de promover a recuperação deste. No entanto, é importante destacar um fato que ocorre com frequência na rotina dos

enfermeiros, sobre o qual pouco é abordado. Encontramos, em alguns hospitais, aparelhos de alta tecnologia que são utilizados para manterem o organismo do paciente em funcionamento, assim como profissionais treinados para manipulá-los; porém, sem preparo para assistir as reais necessidades do paciente, em iminência de morte, bem como de seus familiares.

Sabe-se que um paciente com Morte Encefálica é um potente doador de órgãos e tecidos, capaz de ajudar e, até mesmo, salvar a vida de outras pessoas. Mas, para que isso aconteça além das questões bioéticas envolvidas, é necessário que órgãos e tecidos estejam e mantenham-se preservados. Neste caso, a atuação do enfermeiro destaca-se pelos cuidados prestados aos pacientes em Morte Encefálica, e é determinante desde a manutenção deste potencial doador, devendo ele possuir conhecimento e domínio de todas as situações que podem acontecer em decorrência da ME.

São muitas as funções de um enfermeiro, independente da sua área de atuação e da situação com a qual se depara. “Ao Enfermeiro incumbe planejar, executar, coordenar, supervisionar e avaliar os procedimentos de enfermagem prestados ao doador de órgãos e tecidos”.⁽²⁾ Compete ao enfermeiro: Notificar as Centrais de Notificação, Captação e Distribuição de Órgãos-CNNCDO a existência de potencial doador; Aplicar a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) no processo de doação de órgãos e tecidos; Documentar, registrar e arquivar o processo de doação/transplante no prontuário do doador, bem como, do receptor; Fazer cumprir a Legislação que normatiza a atuação do Enfermeiro e Técnico em sala operatória; Realizar a enucleação do globo ocular, desde que tecnicamente habilitado pela Associação Panamericana de Banco de Olhos – APABO; Participar e organizar programas de conscientização dos Profissionais da Área da Saúde quanto à importância da doação e obrigatoriedade de notificação de pessoas, com diagnóstico de morte encefálica.⁽²⁾

É responsabilidade do enfermeiro, também, realizar o controle hemodinâmico do potencial doador, sendo imprescindível, portanto, ter conhecimento quanto às complicações que podem ser apresentadas pelo paciente, que são: alterações cardiovasculares, pulmonares, endócrinas, hepáticas, da coagulação e temperatura. Ele deve estar capacitado para monitorizar e identificar repercussões hemodinâmica, advindas da reposição volêmica e administração de drogas vasoativas, a fim de intervir sempre que necessário.⁽¹⁾

A manutenção do potencial doador inclui, desde o seu reconhecimento e posterior confirmação, o pleno conhecimento de todas as formalidades legais envolvidas no processo, prevenção, detecção precoce e manuseio imediato das principais

complicações advindas da ME para que os órgãos possam ser retirados e transplantados nas melhores condições funcionais possíveis.⁽¹⁾

Visto que há possibilidade de graduandos do curso de enfermagem, após tornarem-se profissionais, serem responsáveis pelo fluxo do processo de doação de órgãos e tecidos, o tema Morte Encefálica tornou-se alvo de questionamentos sobre a conscientização e o acesso de informação desses acadêmicos sobre ME.⁽³⁾

Os acadêmicos de Enfermagem têm conhecimento sobre o conceito de Morte Encefálica. No entanto, pesquisas demonstram que tal conhecimento precisa ainda ser disseminado de uma maneira mais efetiva entre os estudantes, uma vez que não é demonstrado ser de domínio da maioria.⁽³⁾

A fim de possibilitar uma assistência de Enfermagem de qualidade ao paciente com diagnóstico de ME, é imprescindível que o acadêmico dessa área comece a ser preparado desde a sua graduação para ser capaz de manter uma relação interpessoal de ajuda, a qual é a essência do ato de cuidar, tanto com o paciente, quanto com os seus familiares.

O objetivo desse estudo foi verificar o conhecimento dos acadêmicos de Enfermagem, de uma instituição privada de Salvador, sobre Morte Encefálica; identificando a contribuição da matriz curricular para esse conhecimento, buscando relacioná-lo a cerca da temática de acordo com os semestres selecionados.

METODOLOGIA

Foi realizado um estudo de campo, do tipo exploratório, de natureza quantitativa, desenvolvido em uma faculdade privada de Salvador, Bahia. Este espaço foi escolhido por ser uma instituição de ensino de referência na área da saúde, bem como pelo fato das autoras serem graduandas de Enfermagem nessa unidade, o que facilitou o acesso para a realização da pesquisa.

A amostra do estudo foi composta por acadêmicos do curso de Enfermagem, que estavam regularmente matriculados nos 3º, 5º e 8º semestres, e que tinham idade mínima de 18 anos, para que não fosse necessária autorização de pais ou responsáveis para participarem da pesquisa. Excluíram-se os acadêmicos de Enfermagem que tiveram ingresso por meio de transferência externa, provenientes de outras Instituições de Ensino Superiores, considerando que o conhecimento destes teria influência do curso de origem.

Estes semestres foram escolhidos porque os acadêmicos já haveriam cursado, respectivamente, 33,3%, 55,5% e 88,8% do total da Matriz curricular do curso de Enfermagem, o que permitiu avaliar o conhecimento destes, fazendo uma relação do ganho de conhecimento adquirido com o desenvolvimento da Matriz do curso. De acordo com as listas fornecidas pela Secretaria Acadêmica da instituição, havia um total de 120 (cento e vinte) acadêmicos matriculados nos 3º, 5º e 8º semestres, sendo 4 (quatro) o número de desistentes do 3º semestre, restando 116 acadêmicos. Destes, 24 (vinte e quatro) tiveram ingresso na instituição por transferência externa. Portanto, o quantitativo de acadêmicos a serem incluídos para participar da pesquisa foi de 92 (noventa e dois).

Deste total, 31 (trinta e um) acadêmicos se recusaram a participar, alegando, principalmente, indisponibilidade de tempo. Participaram então da pesquisa, 61 (sessenta e um) acadêmicos, sendo 21 (vinte e um) do 3º semestre, 22 (vinte e dois) do 5º semestre e 18 (dezoito) do 8º semestre.

A presente pesquisa foi submetida à análise do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública e encontra-se em conformidade com os princípios da Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, que se refere aos aspectos sobre pesquisa envolvendo seres humanos; tendo sido aprovado sob o número do Parecer 233.790/13.

A coleta de dados foi efetuada pelas autoras, após autorização do Comitê de Ética em Pesquisa e da instituição de ensino, no período de 12 de abril a 03 de maio de 2013. Foram utilizados os procedimentos para a realização da pesquisa: abordagem direta aos participantes, que aconteceu em salas de aula específicas de cada semestre, no Laboratório de Habilidades de Enfermagem, na Biblioteca e nas áreas de socialização do pavilhão II e III da faculdade em horários que antecederiam ao início das aulas e também após o término das aulas; explicação dos objetivos da pesquisa e solicitação de concordância em participar da pesquisa, sendo necessária a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); entrega do questionário desenvolvido pelas autoras contendo 08 (oito) questões, sendo 04 (quatro) objetivas e 04 (quatro) discursivas, que se referiram a conceito, diagnóstico e assistência de Enfermagem ao paciente em Morte Encefálica.

A participação dos acadêmicos foi voluntária e sigilosa. Os questionários foram respondidos na presença das autoras e recolhidos logo após o término do preenchimento sendo dado tempo livre. O tempo médio para a devolução dos questionários respondidos foi de 12 minutos. Foram distribuídos 61 questionários, dos quais todos foram respondidos.

Os resultados da pesquisa foram obtidos por meio da análise das respostas dos participantes e estão representados em gráficos e tabelas com análise percentual. As questões subjetivas foram analisadas através dos discursos descritos pelos acadêmicos, os quais foram analisados com publicações referente a temática e a Resolução do Conselho Federal de Medicina nº 1.480/97. Os dados foram processados no programa Microsoft Office Excel 2007.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Participaram da pesquisa 61 graduandos do curso de enfermagem. Destes, 21 (vinte e um) faziam parte do 3º semestre, 22 (vinte e dois) do 5º semestre e 18 (dezoito) do 8º semestre.

Tabela 1 - Caracterização dos participantes, quanto ao gênero e média etária. Salvador, 2013

VARIÁVEIS	3º SEMESTRE		5º SEMESTRE		8º SEMESTRE	
	N	%	N	%	N	%
Feminino	17	81	22	100	17	94,4
Masculino	04	19	-	-	01	5,6
Média etária	20,9	-	20,8	-	25,8	-

Fonte: Elaborado pelas autoras baseado em dados coletados.

A Tabela 1 representa a caracterização dos participantes da pesquisa, demonstrando que 56 (cinquenta e seis) acadêmicos eram do gênero feminino e 05 (cinco) do gênero masculino o que representa 91,8% e 8,2%, respectivamente. Dos participantes do 3º semestre, 17 (81%) eram do gênero feminino e 04 (19%) do gênero masculino. Do 5º semestre, 100% eram do gênero feminino. Dos participantes do 8º semestre, 17 (94,4%) eram do gênero feminino e 01 (5,6%) do gênero masculino.

A média etária dos participantes dos três semestres foi de 22,5 anos, sendo 20,9 anos a média do terceiro semestre, 20,8 do quinto semestre e 25,8 do oitavo semestre.

Tabela 2 - O conhecimento apresentado pelos acadêmicos do curso de Enfermagem, a respeito do conceito da ME. Salvador, 2013

Você sabe conceituar Morte Encefálica? Se sim, conceitue.	3º SEMESTRE		5º SEMESTRE		8º SEMESTRE	
	N	%	N	%	N	%
Não	08	38,1	06	27,3	04	22,2
Sim	13	61,9	16	72,7	14	77,8
Resposta Correta	01	7,7	-	-	05	35,7
Parcialmente Incorreta	05	38,5	08	50,0	06	42,9
Resposta Incorreta	07	53,8	08	50,0	03	21,4

Fonte: Elaborado pelas autoras baseado em dados coletados.

A Tabela 2 está representando o conhecimento dos acadêmicos de Enfermagem em relação ao conceito de Morte Encefálica (ME). Baseado no que afirma o Conselho Federal de Medicina⁽⁴⁾ que define Morte Encefálica como “parada total e irreversível das funções encefálicas, de causa conhecida e constatada de modo indiscutível”, as respostas dadas pelos graduandos foram consideradas como correta, parcialmente correto ou incorreta.

Do total de participantes do 3º semestre, 8 (38,1%) afirmaram não saber conceituar ME, enquanto 13 (61,9%) afirmaram saber. Dos 13 graduandos que afirmaram saber conceituar ME apenas 01 (7,7%) descreveu corretamente o conceito, o que pode ser constatado no seguinte discurso: “*Morte Encefálica é caracterizada pela ausência ou inatividade total do encéfalo resultando em morte irreversível*” (ACADÊMICO 16, 3º semestre).

Do restante dos participantes do 3º semestre, 05 (38,5%) descreveram parcialmente correto e 7 (53,8%) incorretamente. Do 5º semestre, 06 (27,3) acadêmicos afirmaram não saber definir o conceito de ME e 16 (72,7%) afirmaram saber. Dos 16 acadêmicos que afirmaram saber conceituar ME, nenhum conceituou corretamente, 8 (50%) descreveram parcialmente correto e 8 (50%) incorreto. Observa-se nos discursos dos acadêmicos a predominância da seguinte fala, a qual foi considerada parcialmente correta: “*É quando o cérebro perde sua funcionalidade, comprometendo todo o organismo*” (ACADÊMICO 06, 5º semestre).

No 8º semestre observa-se uma redução do número de participantes que afirmaram não saber o conceito de ME. Apenas 4 (22,2%) disseram não saber e 14 (77,8%) afirmaram que sabem. Dos 14 graduandos que afirmaram saber conceituar, 5 (35,7%) conceituaram corretamente, 6 (42,9%) conceituaram parcialmente correto e 3 (21,4%) incorretamente. Dos que conceituaram incorretamente, destaca-se a fala do acadêmico 10, o qual conceituou ME

como sendo: “Perda graduada de parte do encéfalo decorrente de patologias anteriores do paciente” (ACADÊMICO 10, 8º semestre).

A partir desses dados podemos afirmar que a maioria dos acadêmicos acredita saber definir Morte Encefálica, entretanto não sabem definir ou definem de forma incorreta. Observou-se também que o maior percentual de resposta correta foi obtido com os acadêmicos de 8º semestre e o maior percentual de respostas incorretas foi com os acadêmicos de 3º semestre. Conclui-se que a acadêmico que se encontra no final da Matriz curricular tem melhor resultado em suas respostas.

Tabela 3 - Acesso dos acadêmicos ao conhecimento a respeito da ME. Salvador, 2013

Aonde você adquiriu esse conhecimento a respeito da ME?	3º SEMESTRE		5º SEMESTRE		8º SEMESTRE	
	N	%	N	%	N	%
Em um dos componentes curriculares (disciplinas) do curso da Graduação	03	14,3	09	41	06	33,3
Atividades extracurriculares	-	-	02	9,1	02	11,1
Experiência profissional (quando for Auxiliar/Técnico de enfermagem)	-	-	-	-	-	-
Meios de comunicação	02	9,5	02	9,1	02	11,1
Através de leituras	07	33,3	05	22,7	04	22,2
Eventos científicos	02	9,5	-	-	01	5,6
Responderam mais de uma alternativa	-	-	1	4,5	3	16,7
Não responderam	07	33,3	03	13,6	-	-
TOTAL	21	100	22	100	18	100

Fonte: elaborado pelas autoras baseado em dados coletados.

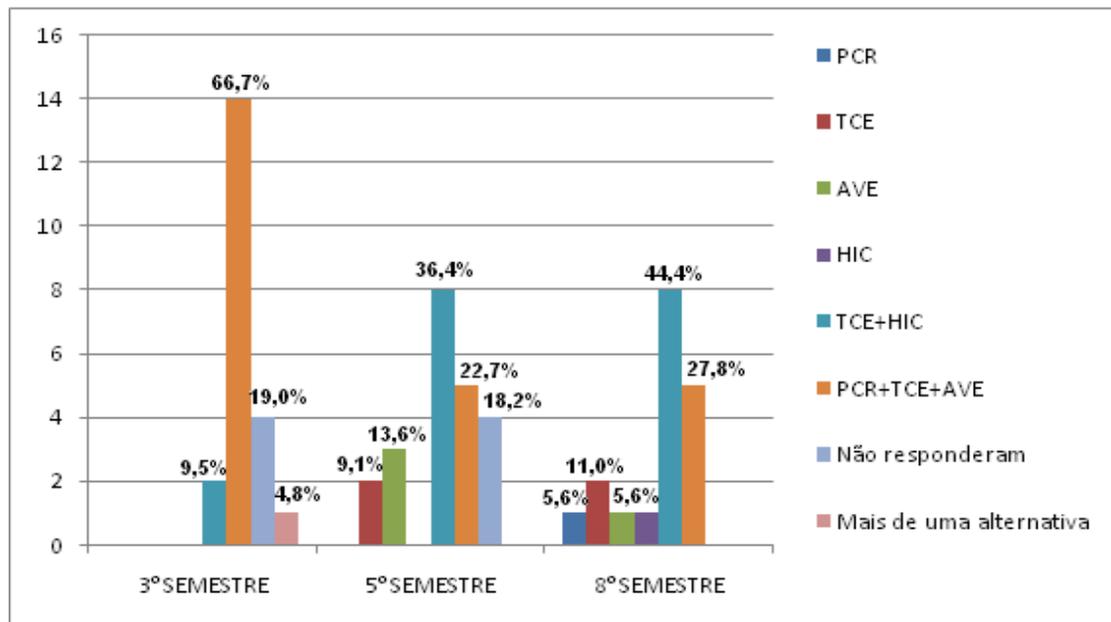
De acordo com a Tabela 3, observa-se que dos 21 (vinte e um) acadêmicos do 3º semestre, 07 (33,3%) já haviam adquirido algum conhecimento sobre ME através de leituras; 07 (33,3%) não responderam e 03 (14,3) afirmaram ter tido uma abordagem rápida sobre o tema em algum componente curricular do curso. Os componentes curriculares citados por alguns destes participantes foram Biomorfofuncional e Primeiros Socorros.

Dos 22 acadêmicos do 5º semestre, 09 (41%) responderam que o conhecimento foi adquirido através dos componentes curriculares Saúde do Adulto e Prática Comunitária II, enquanto 05 (22,7%), afirmam ter obtido algum conhecimento através de leitura.

Dos 18 alunos do 8º semestre, 06 (33,3%) afirmaram que o conhecimento foi adquirido através dos componentes curriculares Saúde do Adulto e Paciente Crítico, enquanto 04 (22,2%), afirmam ter obtido algum conhecimento através de leitura. Apenas 01 participante (5,6%) desse semestre afirma ter adquirido esse conhecimento em eventos científicos.

Ao avaliar esses resultados, se percebe que o componente curricular de Saúde do Adulto foi citado por acadêmicos de 5º e de 8º semestre como sendo através do qual eles obtiveram acesso ao conhecimento de ME. No entanto, a partir de uma avaliação feita na Matriz curricular do curso se verificou que não há nenhum componente curricular que trate sobre o tema Morte Encefálica. Isso leva a acreditar que o que pode ter existido foi uma rápida aproximação com o tema durante as aulas.

Gráfico 1 - Conhecimento dos acadêmicos de enfermagem a respeito das causas mais comuns da ME. Salvador, 2013



Fonte: elaborado pelas autoras baseado em dados coletados.

Legenda: PCR: Parada Cardiorrespiratória / TCE: Traumatismo Crânio Encefálico / AVE: Acidente Vascular Encefálico / HIC: Hemorragia Intracraniana.

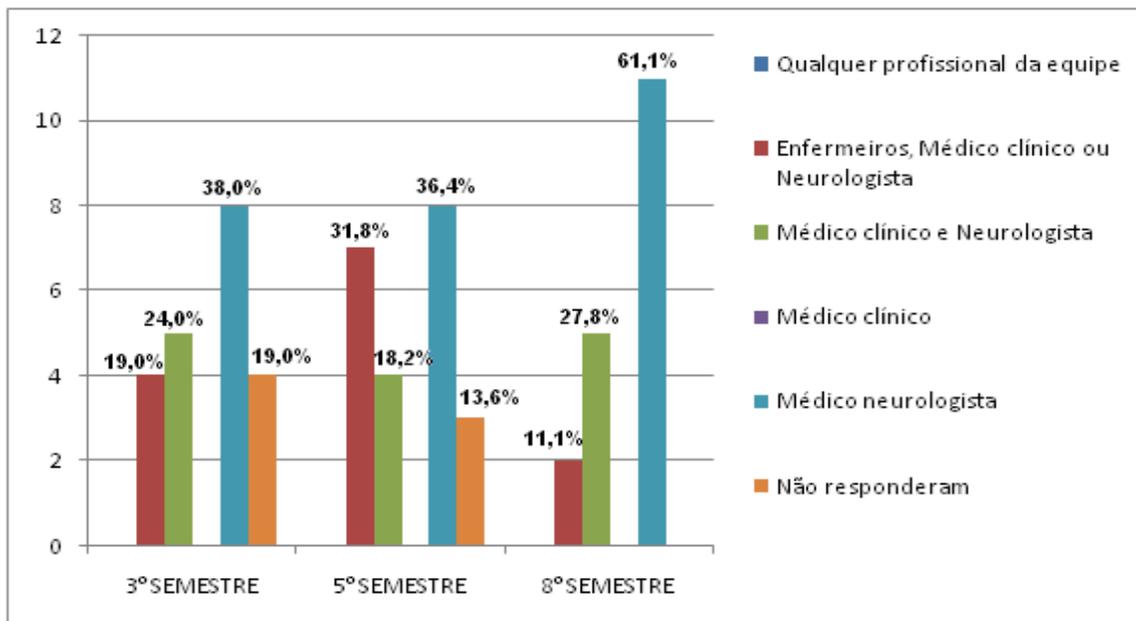
Ao analisar o Gráfico 1, percebe-se que o número de acadêmicos que demonstram conhecer as causas mais comuns da Morte Encefálica (ME) é baixo. No terceiro semestre, por exemplo, 14 participantes (66,7%) consideram que Parada Cardiorrespiratória, Traumatismo Cranioencefálico e Acidente Vascular Cerebral são as causas mais comuns da Morte

Encefálica. Entre os acadêmicos do quinto semestre, verifica-se que 08 acadêmicos (36,4%) consideram que a Morte Encefálica é causada principalmente por Traumatismo Cranioencefálico e Hemorragia Intracraniana. Com o mesmo achado estão 44,4% dos acadêmicos do oitavo semestre.

As causas mais frequentes de ME são Hemorragia Intracraniana, Trauma e Lesões Cerebrais Isquêmicas.⁽³⁾ Em face disto, conclui-se que a maioria dos participantes do 3º semestre respondeu errado. Entretanto a maioria dos acadêmicos de 5º e de 8º semestre respondeu corretamente a questão.

Com isso conclui-se que esse conhecimento vai sendo mais evidenciado à medida que os acadêmicos avançam de semestre na Matriz curricular.

Gráfico 2 - Conhecimento dos acadêmicos de enfermagem a respeito do profissional de saúde que realiza o diagnóstico da ME. Salvador, 2013



Fonte: Elaborado pelas autoras baseado em dados coletados.

O Gráfico 2 representa os resultados obtidos através da questão 04, que se refere ao conhecimento dos acadêmicos do curso de Enfermagem em relação ao diagnóstico de Morte Encefálica. Foi questionado por qual (is) profissional (is) é dado esse diagnóstico, e os acadêmicos deveriam assinalar a alternativa correta. Nos três semestres a resposta que mais predominou foi Médico Neurologista. No entanto, essa resposta é considerada incorreta, pois “é necessário que sejam feitas duas avaliações clínicas e exames complementares do paciente

com ME, sendo que a primeira poderá ser realizada por um médico intensivista e a segunda avaliação preferencialmente por um neurologista”,⁽⁵⁾ o que leva a concluir que os respondentes não acertaram por quem é feito esse diagnóstico. Dos três semestres, o oitavo semestre, o qual representa a reta final da graduação, foi o que apresentou a taxa mais elevada de erro em relação à resposta. Ou seja, 61,1% dos acadêmicos assinalaram a alternativa incorreta. Com isso, se conclui que esse conhecimento não está relacionado com a experiência adquirida ao longo da graduação.

Deve-se destacar também que no 3º semestre, 04 acadêmicos (19%) julgaram que enfermeiros podem fazer diagnóstico de Morte Encefálica. E esse número de acadêmicos que julgaram o mesmo foi ainda maior no 5º semestre, onde 07 (31,8%) determinaram resposta semelhante. Já no 8º semestre esse número foi menor, sendo representado por 11,1%.

Tabela 4 - O conhecimento dos acadêmicos acerca do diagnóstico de ME. Salvador, 2013

Como é feito o diagnóstico de Morte Encefálica	3º SEMESTRE		5º SEMESTRE		8º SEMESTRE	
	N	%	N	%	N	%
Resposta Correta	-	-	-	-	-	-
Parcialmente correto	04	19,0	03	13,6	06	33,3
Resposta Incorreta	03	14,3	08	36,4	08	44,5
Não responderam	14	66,7	11	50,0	04	22,2
TOTAL	21	100	22	100	18	100

Fonte: elaborado pelas autoras baseado em dados coletados.

O diagnóstico de Morte Encefálica não é algo simples e fácil de fazer, nem mesmo para aqueles capacitados para isso.

A Resolução nº 1.480/97, do Conselho Federal de Medicina define critérios para estabelecer o diagnóstico da Morte Encefálica. As determinações são as seguintes:

Art. 1º, A morte encefálica será caracterizada através da realização de exames clínicos e complementares durante intervalos de tempo variáveis, próprios para determinadas faixas etárias.

Art. 2º, Os dados clínicos e complementares observados quando da caracterização da morte encefálica deverão ser registrados no “termo de declaração de morte encefálica” anexo a Resolução.

Art. 3º, A morte encefálica deverá ser consequência de processo irreversível e de causa conhecida.

Art. 4º, Os parâmetros clínicos a serem observados para constatação de morte encefálica são: coma aperceptivo com ausência de atividade motora supra-espinal e apnéia.

Art. 5º, Os intervalos mínimos entre as duas avaliações clínicas necessárias para a caracterização da morte encefálica serão definidos por faixa etária, conforme abaixo especificado:

- a) de 7 dias a 2 meses incompletos – 48 horas
- b) de 2 meses a 1 ano incompleto – 24 horas
- c) de 1 ano a 2 anos incompletos – 12 horas
- d) acima de 2 anos – 6 horas

Art. 6º, Os exames complementares a serem observados para constatação de morte encefálica deverão demonstrar de forma inequívoca:

- a) ausência de atividade elétrica cerebral ou,
- b) ausência de atividade metabólica cerebral ou,
- c) ausência de perfusão sanguínea cerebral.

Art. 7º, Os exames complementares serão utilizados por faixa etária, conforme abaixo especificado:

- a) acima de 2 anos – um dos exames citados no Art. 6º, alíneas a,b e c,
- b) de 1 a 2 anos incompletos – um dos exames citados no Art. 6º, alíneas a, b e c.

Quando se optar por eletroencefalograma, serão necessários 2 exames com intervalo de 12 horas entre um e outro.

c) de 2 meses a 1 ano incompleto – 2 eletroencefalograma com intervalo de 24 horas entre um e o outro.

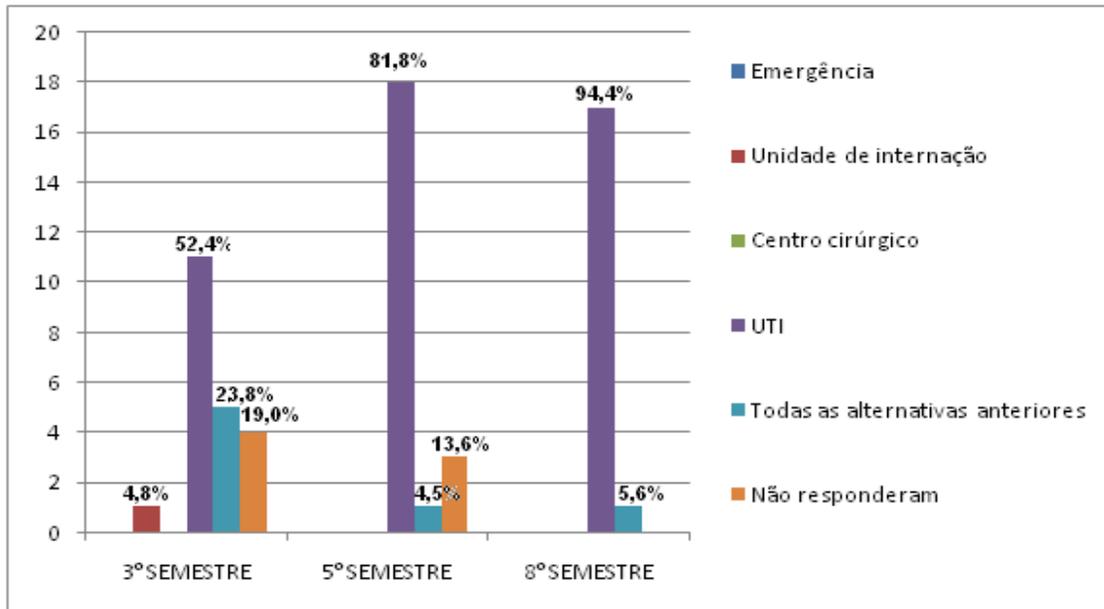
d) de 7 dias a 2 meses incompletos – 2 encefalogramas com intervalo de 48 horas entre um e outro.

Art. 8º, O termo de Declaração de Morte encefálica, devidamente, preenchida e assinada, e os exames complementares utilizados para diagnóstico da morte encefálica deverão ser arquivados no próprio prontuário do paciente.

Art. 9º, Constatada e documentada a morte encefálica, deverá o Diretor-Clínico da instituição hospitalar, ou quem for delegado, comunicar tal fato aos responsáveis legais do paciente, se houver, e à Central de Notificação, Capacitação e distribuição de Órgãos a que estiver vinculada a unidade hospitalar onde o mesmo encontra-se internado.⁽⁶⁾

Baseando-se nessa Resolução é possível observar na Tabela 4 que nenhum acadêmico respondeu corretamente a essa questão, demonstrando assim não saberem como é feito esse diagnóstico. Dos acadêmicos do 3º semestre, apenas 04 (19,0%) responderam parcialmente correto. Observa-se também que o número de acadêmicos que não souberam responder foi elevado tanto no 3º como no 5º semestre, correspondendo a um percentual de 66,7% e 50,0%, respectivamente. Outro dado considerado elevado, referente às respostas dos acadêmicos do 5º semestre, foi o que representa 08 (36,4%) que responderam incorretamente a questão. No 8º semestre também foi elevado o número daqueles que responderam incorretamente a questão: 08 acadêmicos (44,5%). Mas, 06 (33,3%) souberam responder parcialmente.

Gráfico 3 - Conhecimento dos acadêmicos de enfermagem a respeito da unidade hospitalar na qual o paciente em ME deve permanecer internado. Salvador, 2013



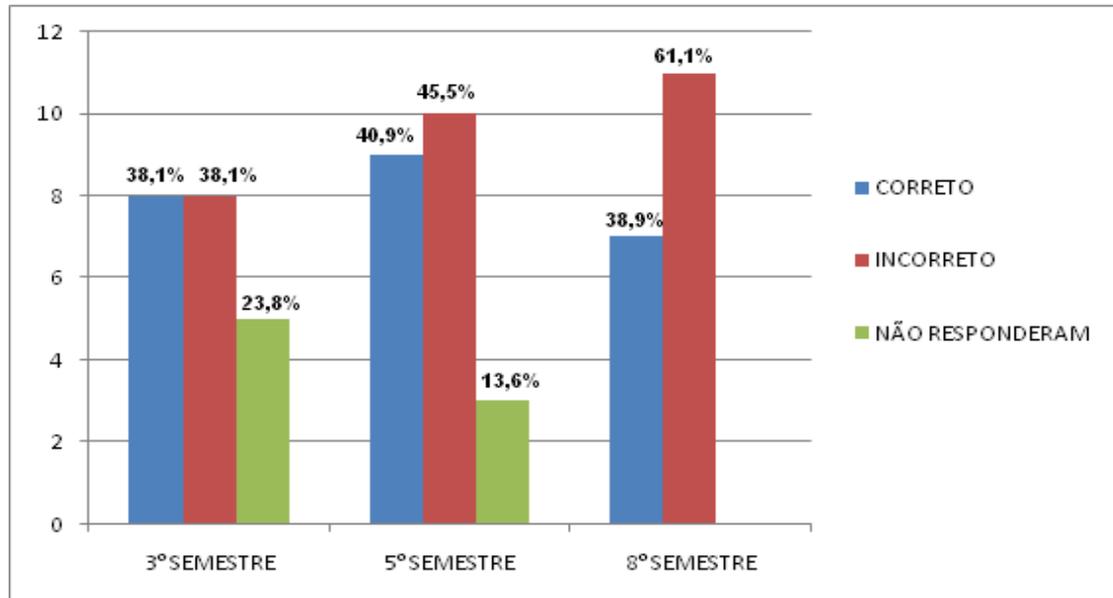
Fonte: Elaborado pelas autoras baseado em dados coletados.

O Gráfico 3 traz os resultados obtidos a partir das respostas analisadas referentes à questão que avalia o conhecimento dos acadêmicos sobre em que unidade hospitalar o paciente diagnosticado com morte encefálica deve permanecer internado.

Apesar de pouco mais da metade (52,4%) dos acadêmicos do 3º semestre terem respondido corretamente, foi observado que 05 (23,8%) responderam errado a questão quando marcaram a alternativa que diz que o paciente pode estar na emergência, unidade de internação, Centro Cirúrgico ou Unidade de Terapia Intensiva (UTI); e 04 (19,0%) não souberam responder. Já os resultados apresentados pelo 5º e 8º semestres são bem semelhantes: 81,8% dos respondentes do 5º semestre demonstram saber qual a unidade hospitalar na qual o paciente deve estar. Mas, ainda houve 01 acadêmico que respondeu errado e 03 (13,6%) não souberam responder. Enquanto que no 8º semestre o percentual de acerto foi de 94,4%, tendo apenas 01 acadêmico (5,6%) que respondeu incorretamente a questão.

Diante desses resultados, se conclui que, ao se questionar em qual unidade hospitalar devem estar internados os pacientes diagnosticados com Morte Encefálica, a maioria dos acadêmicos dos três semestres demonstra saber a unidade correta, quando responderam que é na UTI.

Gráfico 4 - Conhecimento dos acadêmicos de enfermagem a respeito das atribuições do enfermeiro após paciente receber o diagnóstico de ME. Salvador, 2013



Fonte: Elaborado pelas autoras baseado em dados coletados.

O Gráfico 4 demonstra se os acadêmicos do curso de Enfermagem sabem que funções são atribuições ao enfermeiro após ser constatada a Morte Encefálica de um paciente.

De acordo com os resultados apresentados nesse gráfico, 08 acadêmicos (38,1%) do 3º semestre responderam corretamente sobre as atribuições do enfermeiro após confirmação do diagnóstico de ME, e o mesmo número de acadêmicos responderam incorretamente. Do 5º semestre, observa-se que 40,9% responderam corretamente e 45,5% incorretamente. Mas o que chama mais atenção é que 61,1% dos acadêmicos do 8º semestre responderam incorretamente a questão. Ao contrário do que se esperava, o percentual de erro foi mais elevado justamente no semestre em que se acreditava que haveria menor número de respostas erradas, por se esperar que no final da graduação os acadêmicos já deveriam possuir conhecimento suficiente sobre essa e outras questões.

O enfermeiro, dentro da equipe multiprofissional, vem desempenhando um papel importante na captação de órgãos, atuando principalmente na identificação de doadores, manutenção hemodinâmica, na constatação e comprovação de morte encefálica, na comunicação com os centros de transplantes e com familiares do doador.⁽⁷⁾

Tabela 5 - Conhecimento dos acadêmicos de enfermagem a respeito das atribuições do enfermeiro para manutenção do paciente com ME. Salvador, 2013

De que forma a enfermagem contribui com a manutenção do paciente com ME?	3º SEMESTRE		5º SEMESTRE		8º SEMESTRE	
	N	%	N	%	N	%
Resposta Correta	-	-	-	-	-	-
Parcialmente correta	04	19,0	01	4,5	07	38,9
Resposta Incorreta	06	28,6	08	36,4	07	38,9
Não responderam	11	52,4	13	59,1	04	22,2
TOTAL	21	100	22	100	18	100

Fonte: elaborado pelas autoras baseado em dados coletados.

Observando os dados representados na Tabela 5, é possível perceber que nenhum acadêmico soube responder corretamente de que forma a enfermagem contribui com a manutenção do paciente com ME. No terceiro semestre, pouco mais da metade dos participantes, 11 (52,4%), não souberam responder a questão e 06 (28,6%) responderam de forma incorreta. No 5º semestre, o número de participantes que não souberam responder foi ainda um pouco mais elevado do que os do 3º semestre, correspondendo a 13 acadêmicos (59,1%) e 08 (36,4%) responderam de forma incorreta. Destes 08 que responderam incorretamente, destaca-se a fala de um dos acadêmicos: *“Manter cuidados ao paciente, sempre avaliando e manter a família informada a respeito do paciente”* (ACADÊMICO 06, 5º semestre).

No 8º semestre houve uma semelhança nas respostas dos acadêmicos que souberam responder parcialmente correto essa questão (38,9%) e os que responderam incorretamente (38,9%). Dos que responderam parcialmente correto, destaca-se o discurso do acadêmico 09: *“Monitorando o paciente, verificando a ventilação mecânica, as medicações prescritas e outros, além do apoio e conforto a família do paciente”* (ACADÊMICO 09, 8º semestre).

Esses resultados levam a concluir que, mais uma vez, quando questionados sobre as atribuições/funções do enfermeiro diante de uma situação frente ao paciente com diagnóstico de Morte Encefálica, os acadêmicos demonstram ter dificuldades para responderem corretamente ou até mesmo nem sabem. Mas, vale a pena destacar também que mesmo não sabendo corretamente as ações relativas aos cuidados com o paciente de ME, os acadêmicos trazem um discurso da necessidade de diálogo e suporte à família.

A fim de manter os órgãos e tecidos do paciente com ME adequados para doação, a equipe de enfermagem desempenha várias funções, tais como: realização de exame físico e do balanço hídrico rigoroso, controle de dados hemodinâmicos e dos distúrbios hidroeletrólíticos, administração de drogas vasoativas, reposição volêmica, controle dos valores glicêmicos, monitorização eletrocardiográfica, manutenção e monitorização da ventilação e oxigenação.⁽¹⁾

CONCLUSÕES

Os graduandos de Enfermagem, futuros enfermeiros, devem estar preparados e capacitados para assistir de forma integral o paciente diagnosticado com ME. Entretanto, para que essa assistência seja de qualidade é necessário que o acadêmico, futuro profissional, seja preparado desde a graduação tendo maior aprofundamento na temática na pós-graduação.

Os resultados do presente estudo mostraram que os acadêmicos de Enfermagem possuem um baixo nível de conhecimento sobre a ME, o que se deve, em parte, ao pouco ou nenhum contato que os mesmos têm com esse tema durante a graduação.

Com este estudo sugere-se que a instituição de ensino avalie os componentes curriculares da Matriz do curso com o objetivo de introduzir a temática nos estudos acadêmicos. É necessário o conhecimento relacionado aos aspectos bioéticos, assim como identificar as alterações fisiopatológicas ocorridas no paciente e adotar, junto à equipe de saúde, medidas terapêuticas adequadas para manutenção dos órgãos e tecidos e, conseqüentemente, promover o aumento do número de transplantes.

Também se observou poucos estudos com esta abordagem e recomendamos a realização de novos estudos no sentido de promover maiores contribuições nas discussões.

REFERÊNCIAS

1. Guetti NR, Marques IR. Assistência de enfermagem ao potencial doador de órgãos em morte encefálica. *Rev bras enferm* [periódico on line]. 2008 [acesso em: 14 Maio 2012]; 61 (1): 91-97. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n1/14.pdf>
2. Brasil. Conselho Federal de Enfermagem. Resolução COFEN n. 292 que Normatiza a atuação Enfermeiro na Captação e Transplante de Órgãos e Tecidos [homepage na Internet]. Rio de Janeiro, RJ; 2004. [acesso em: 01 Nov 2012]. Disponível em: http://novo.portalcofen.gov.br/resoluo-cofen-2922004_4328.html

3. Maia BO, Amorim JS. Morte encefálica: conhecimento de acadêmicos de enfermagem e medicina. JBT J Bras Transpl [periódico on line]. 2009 abr. [acesso em: 14 Maio 2012]; 12: 1088-1091. Disponível em:
http://www.abto.org.br/abtov02/portugues/jbt/vol12n_2/volumeCompleto.pdf
4. Brasil. Conselho Federal de Medicina. Resolução CFM n.1346 [homepage na Internet]. Brasília, DF; 1991. [acesso em: 01 Nov 2012]. Disponível em:
http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/cfm/1991/1346_1991.htm
5. Sallum AM, Rossato LM, Silva SF. Morte encefálica em criança: subsídios para a prática clínica. Rev bras enferm [periódico on line]. 2011 [acesso em: 14 Maio 2012]; 64(3): 600-604. Disponível em:
http://200.144.190.38:8880/xmlui/bitstream/handle/2012.1/3936/art_SALLUM_Morte_encefalica_em_crianca_subsidios_para_a_2011.pdf?sequence=1
6. Brasil. Conselho Federal de Medicina. Resolução CFM n. 1480 [homepage na Internet]. Brasília, DF; 1997. [acesso em: 06 Out 2012]. Disponível em:
http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/cfm/1997/1480_1997.htm
7. Silva JR, Silva MH, Ramos VP. Familiaridade dos profissionais de saúde sobre os critérios de diagnósticos de morte encefálica. Enferm. foco [periódico on line]. 2010 [acesso em: 14 Maio 2012]; 1(3): 102-107. Disponível em:
<http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/36/36>